

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE ARROIO GRANDE

EDITAL REMEMORAR

**“A PRIMEIRA FANTASIA A GENTE NUNCA ESQUECE”:
MANIFESTAÇÕES CARNAVALESCAS NO CLUBE GUARANI, ARROIO
GRANDE/RS**

FRANCIÉLE GONÇALVES SOARES

ARROIO GRANDE
2021

INTRODUÇÃO

A cidade de Arroio Grande foi emancipada de Jaguarão em 1872, sua principal fonte econômica na época eram as charqueadas consequentemente utilização do trabalho escravo. Apesar da marcante presença de negros na região, Arroio Grande foi palco de preconceito e discriminação racial, uma prova disto, é o Clube Guarani, que foi fundado em 1920, para a integração dos negros em espaços sociais, já que devido ao preconceito não eram permitidos de frequentar os demais clubes da cidade. Após um longo período de festas, vivências, luta e resistência o clube foi fechado, mais precisamente no ano de 2006, devido a denúncias advindas de uma parcela da comunidade.

Através das pesquisas e entrevistas percebeu-se que as festas foram uma das grandes motivações para o clube se manter até hoje no imaginário da comunidade, mais especificamente os bailes de carnaval, considerados incomparáveis, reconhecidos por toda cidade por serem os mais animados, fazendo parte da história não só dos sócios do Clube Guarani, mas também dos sócios do Clube Caixerai e do Clube do Comércio (clubes conhecidos por não receberem pessoas negras em suas sedes).

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas memórias do carnaval do Clube Guarani e o quanto essas vivências contribuíram para construção de suas identidades, além de apresentar alguns registros fotográficos dessas manifestações festivas, analisando seu contexto histórico-social e racial.

O Clube Guarani foi fazendo parte da minha trajetória acadêmica desde 2017, no curso de Tecnologia em Gestão de Turismo, na Universidade Federal do Pampa, onde foi desenvolvido diversas atividades sobre o mesmo, como a publicação de dois trabalhos em eventos em 2019, o IV Copene Sul e o V Humanístico multidisciplinar. Além da abordagem do tema no trabalho de conclusão de curso em 2018, intitulado “Clube Guarani: uma proposta de reabertura das atividades de um Clube Social Negro em Arroio Grande/RS”, os estudos se fizeram presente também na minha atividade de estágio, onde foi realizada uma exposição fotográfica, “Memórias do Clube Guarani” organizada com parte do acervo do clube, e exposto na Galeria de Arte da Biblioteca Pública da cidade de Arroio Grande também no ano de 2018. Depois disso, foram surgindo ideias de novas pesquisas e possibilidades relacionadas à associação.

Para realização desta proposta foram utilizados pesquisas bibliográficas através de livros e artigos científicos relacionados aos Clubes Sociais Negros e ao Clube Guarani e pesquisa exploratória por meio de entrevistas com antigos sócios e frequentadores da

associação.

MANIFESTAÇÕES CARNAVALESCAS NO CLUBE GUARANI:

De acordo com Quadrado (2012), em 1858, a cidade de Arroio Grande possuía 3.929 habitantes e 1.833 eram descendentes de africanos escravizados, quase metade dos moradores eram negros e do mesmo modo sofriam extrema discriminação e preconceito por parte dos brancos. Ainda de acordo com a autora, no período pós abolição existiram vários relatos de racismo, um marcante exemplo disso, é a proibição dos negros dos espaços sociais da cidade, em especial os clubes sociais, como o Clube Caixeiral, Clube do Comércio e o CTG (Centro Tradicionalista Gaúcho).

Estes clubes só recebiam negros em suas sedes para prestação de serviços. Um exemplo destacado por Kosby (2011) é a Banda Farroupilha, composta por homens negros, que animavam as festas dos “clubes dos brancos” principalmente em períodos carnavalescos. A autora ainda destaca que devido à exclusão dos negros dos clubes sociais, o único espaço que restava para festejar, era as ruas ou na casa uns dos outros.

No entanto, as famílias negras da cidade eram muito grandes, o que foi gerando cada vez mais a carência de um espaço adequado, no qual todos pudessem se reunir. Foi neste contexto, que um grupo de amigos fundou o primeiro e único Clube Social Negro de Arroio Grande, o Clube Guarani, fundado por João Lúcio, Alvião Lúcio, Idílio Freitas, Carlos Ferreira, Evaristo Cardoso e como presidente, João Medeiro (Quadrado, 2012).

A partir desse momento, os laços daquele povo que partilhava dos mesmos dilemas foram se estreitando e juntos passaram a se fortalecer. De acordo com o Sr. Paulo Sérgio Prestes (entrevista concedida em 2017), antigo frequentador e ex presidente do Clube Guarani, os sócios do clube formavam uma verdadeira família, onde dedicavam quase todo seu tempo ócio as atividades do mesmo.

Apesar da colaboração histórica e festiva que a associação proporcionou para a comunidade negra arroio-grandense, o clube teve seu fechamento no ano de 2006, devido a denúncias que alegavam barulho causado pelas músicas e a movimentação de pessoas em frente à sede. De acordo com a Sra. Maria Geni Lemos Santos (entrevista concedida em 2018), presidente do clube na época das denúncias, relata que se tornou inviável a aquisição de uma estrutura de isolamento acústico, já que na época o valor era muito alto para as condições financeiras do Guarani. Então foram encerradas as atividades, sendo uma grande perda de oportunidade de socialização para os sócios e frequentadores.

De acordo com Quadrado (2012) em 2011 foi inaugurado na sede do Clube Guarani o “Ponto de Cultura Axé Raízes” subsidiado pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG), onde eram desenvolvidas aulas de música, capoeira, dança, teatro, pintura e entre outras, também eram promovidos eventos que remetiam e valorizavam a cultura afro-brasileira, essas atividades perduraram até 2017, a motivação do final do Ponto de Cultura foi a falta de verbas advindas da FURG. Atualmente, em 2021, a sede continua sem funcionamento, e o governo municipal estuda formas de retomar as atividades.

Embora fechada, a associação se mantém forte na memória da comunidade, especialmente dos antigos sócios, pelo que se percebeu através das entrevistas e conversas informais sucedidas ao logo dos estudos referentes ao clube. Quando se fala em Clube Guarani à memória que logo remete são as festividades, que foram uma grande aliada à sobrevivência do clube, proporcionando momentos de diversão e fortalecimento.

Destas festas, a mais marcante eram os bailes de carnaval, como já mencionado por Soares (2019) era um importante momento para os negros, uma oportunidade de demonstrarem sua civilização, evidenciar sua organização e comprometimento, com intuito de afastar os estereótipos pejorativos relacionados à negritude, afim de serem socialmente mais aceitos e respeitados. De acordo com Escobar e Silva (2018) “o carnaval era um valioso momento para mostrarem-se capazes de se expor publicamente de maneira ordeira e respeitável” (ESCOBAR e SILVA, 2018. p. 74).

De acordo com Quadrado (2015) O carnaval na cidade de Arroio Grande iniciou-se no término do século XIX, e ocorria na Praça da Igreja Matriz, atual Praça Maneca Maciel, com o passar dos anos foram se formando blocos e escolas de samba advindos dessas manifestações. O povo negro, mesmo antes da existência do Clube Guarani já festejava na rua e a fundação da associação auxiliou ainda mais na construção de sua trajetória no carnaval.

Um dos destaques dessa jornada carnavalesca foram as Rainhas do Carnaval, elas reafirmavam a valorização da beleza da mulher negra, abrilhantavam o salão com o seu encanto, elegância, suas brilhantes fantasias e causavam alvoroço entre os foliões que ficavam a sua espera. De acordo com o Carnavalesco Sr. Lizandro Araújo, em seu projeto intitulado “Memorial do Carnaval de Arroio Grande” em homenagem ao centenário do Clube Guarani, realizado em fevereiro de 2020, foi na década de 60 que foi intitulada a primeira Rainha do Carnaval, o posto era repassado anualmente e perdurou até o ano de 2003.

Na figura 01 pode-se observar a jovem Maria da Graça, em seu reinado no início da década de 1970, usando trajes carnavalescos e adereço na cabeça, aparentemente, festejando o

carnaval junto aos seus. O autor Lizandro Araújo (2020) relata que a mesma foi à primeira rainha do clube a fazer uso de plumas em sua fantasia, artigo de luxo na época. Nota-se a presença de crianças e também de que o piso e as paredes do clube ainda parecem estar inacabados.

Figura 01: Baila de Carnaval 1973 – Maria da Graça Conceição



Fonte: Acervo Lizandro Araújo

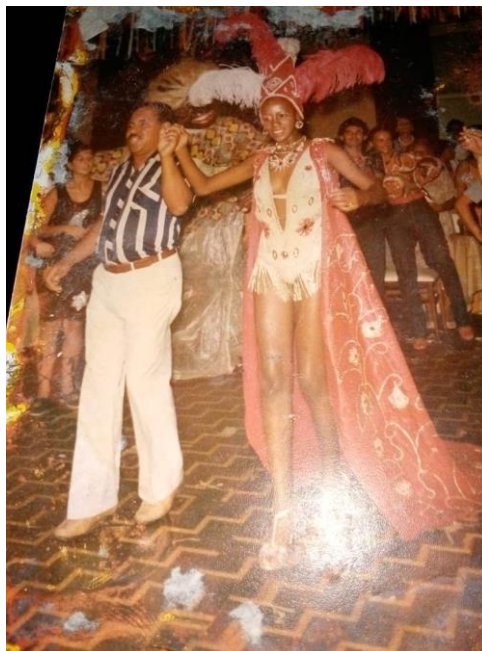
Vale ressaltar, que foi através das rainhas que passou a acontecer os primeiros momentos de integração entre as raças dentro dos Clubes Sociais, a rainha do clube ia junto ao presidente e sua esposa confraternizar com a soberana da outra sociedade, no caso do Clube Guarani a rainha visitava o Clube Caixeiral e Clube do Comércio, porém essa sociabilidade só passou a ocorrer no início dos anos 70, a depoente Sr. Maria Geni Lemos, relata um pouco mais sobre essa interação:

Os integrantes do Clube Caixeiral e Comércio fugiam e vinham pular aqui, mas nós não íamos e nem podíamos fugir pra pular lá, só ia no dia da visita das rainhas[...] mesmo assim as visitas eram muito rápidas, era só o tempo de comer, beber alguma coisa e dar uma volta no salão. (Sr. Maria Geni Lemos Santos, entrevistada no dia 31 de outubro de 2018).

Na figura 02 vê-se Maristela Corrêa, antiga sócia do clube, quando foi intitulada rainha do carnaval em 1980, com seu traje em tons de vermelho e branco, fantasia nomeada “Ikebana – A arte de ornamentar flores”. Este registro foi feito na sua visita ao Clube do

Comércio, ao lado do presidente do clube da época, Sr. Cláudio Eber Ferreira (in memorian).

Figura 02: Maristela Corrêa sendo recepcionada no Clube do Comércio, 1980.



Acervo pessoal: Maristela Corrêa

Sra. Maristela Corrêa (entrevista concedida em 2021) sobre a fotografia anterior, a depoente lamenta o fato de sua corte não ter sido permitida de acompanhá-la na visita ao Clube do Comércio, no entanto reforça que seu reinado foi um momento histórico em sua vida e orgulha-se de ter participado do concurso que também foi um marco para as mulheres negras que sonhavam em conquistar o título:

Em 1980 fui Rainha do Carnaval no Clube Guarani. Foi um sonho realizado, pois sempre participava dos bailes de carnaval no clube e eu achava as rainhas lindas [...] Os Carnavais no Clube Guarani sempre foram os melhores, eram animados, divertidos e atrativos. (Sr. Maristela Corrêa, entrevistada 23 de março de 2021).

A depoente ainda ressalta que existia outro momento de socialização entre os clubes, porém não tão formal quanto às visitas feitas pelas rainhas, esse encontro acontecia com o afamado “arrastão” onde a Banda Farroupilha percorria as ruas da cidade, levando a rainha do carnaval até sua residência. Os foliões dos outros clubes aguardavam na frente do Guarani para participar desse arrastão, era uma grande festa, todos dançando em plena harmonia, segundo a depoente “era como se não houvesse racismo”. (Sra. Maristela Corrêa, entrevista

concedida em 14 de Agosto de 2021). De acordo com Sra. Célia Maria Medeiros Lúcio (entrevista concedida em Agosto de 2021) O Clube Guarani estimava por esse relação entre todas as raças, recebia com prazer os simpatizantes brancos dos outros clubes, muitos deles eram inclusive associados, já que lá, se sentiam acarinhados.

O divertimento do público adulto era garantido, a vivacidade que o carnaval do Guarani carregava oportunizava memoráveis noites de festa, contudo, as crianças também fizeram parte dessa história, Sra. Maristela Corrêa, conta que uma de suas melhores lembranças de carnaval foi em seu primeiro baile de carnaval infantil, vestindo um traje inspirado em Carmem Miranda, como se vê na figura 04, ela veste um conjunto florido, um turbante como adereço na cabeça e alguns colares coloridos. “A primeira fantasia a gente nunca esquece” (Sra. Maristela Corrêa, entrevista concedida em 14 de Agosto de 2021).

Figura 04: Maristela Corrêa em Baile Infantil do Clube Guarani, 1973.



Fonte: Acervo Pessoal Maristela Corrêa

Ainda no ano de 1973 os Bailes Infantis também passaram a contar com uma representante feminina, a Duquesinha, que assim como a escolha de Rainha do Carnaval, perdurou até o ano de 2003, Lizandro Araújo (2020) relata que a primeira Duquesinha

coroada foi Maria Isabel Caetano, aos 08 anos de idade, seu traje era inspirado no tema “princesa”, como percebe-se na figura 03, seu vestido era acetinado, mangas bufantes, adereço no cabelo e um delicado esplendor.

Figura 03: Duquesinha Maria Isabel Caetano, 1973.



Fonte: Acervo Lizandro Araújo

Permanecendo com a questão das indumentárias, vale por em evidência o afamado Desfile de Fantasias, conforme mencionado Soares (2019) era promovido pelo Clube Guarani, mas que unia sócios dos clubes Caixeiral e Comércio, nessa época do ano era onde acontecia a socialização entre os clubes, e também a integração entre brancos e negros, como observa-se na figura 05 a presença de crianças e adultos, ou seja, era um evento receptivo para todas idades. Vê-se que as fantasias eram luxuosas e essa era uma grande característica das fantasias do carnaval arroio-grandense.

Figura 05: Desfile de Fantasias do Clube Guarani, 1995.



Fonte: Acervo Lizandro Araújo

Segundo Sra. Célia Lúcio as fantasias dos desfiles citados na figura 05, das rainhas e duquesinhas, eram deslumbrantes, com acabamentos impecáveis, compostas com muito bordado e pedraria, já os foliões usavam desde roupas simples como bermuda, camiseta, vestidos ou fantasias bordadas com lantejoulas, relembra com afago: “era muita alegria, havia muita brincadeira sadia, tudo mais simples, as pessoas se divertiam muito, com menos.” (Sra. Célia Maria Medeiros Lúcio, entrevista concedida 16 de agosto de 2021).

No entanto, com o passar dos anos, mais especialmente no final dos anos 90, ainda de acordo com a entrevistada, as fantasias foram dando lugar às camisetas de bloco, o carnaval de rua foi ganhando força, e os festejos no clube foram fragilizando-se. Sra. Célia Lúcio declara que lembrar os carnavais da Associação Guarani é um misto de alegria e tristeza, alegria por ser uma época esplêndida, e triste pelo clube ter fechado, sob olhares indignados da população.

Como já mencionado anteriormente a sede teve encerrado suas atividades em 2006, mas sua última festa carnavalesca, de acordo com Lizandro Araújo (2020) aconteceu em 04 de fevereiro de 2005, onde foi realizado um “Grito de Carnaval”, após a folia, o salão silenciou-se.

O carnaval produzido no Clube Guarani conseguiu atingir diversos segmentos de festa, desde a formalização das festividades no salão, a beleza das fantasias, o glamour das rainhas, até o renome pelas folias descontraídas, calorosas, receptivas. Participou também do início de uma importante ruptura de modelo social racista tão rígido como na época, conquistando o direito de fazer-se presente em outras sociedades clubistas, e corroborando seu saber fazer

artístico. Independente de seu desfecho, o carnaval e as manifestações festivas do Clube Guarani continuam na memória dos antigos sócios e frequentadores, contadas com emoção e saudade. Foi extremamente importante o fato de poder acompanhar estes processos de rememoração da época dos carnavais para construção da presente pesquisa e como forma de realização pessoal como pesquisadora.

CONCLUSÃO

Portanto, acredita-se que por essas manifestações terem se feito presente na memória de muitas famílias negras frequentadoras do clube, o Resgate dessas memórias se faz extremamente importante, afim de registrar e valorizar o protagonismo negro no carnaval do Guarani, e enfatizar a festa como forma de resistência negra para os negros de Arroio Grande.

Foi perceptível, sobretudo através das entrevistas com antigos frequentadores, o sentimento de nostalgia, apreço e orgulho que se tem pelo Clube Guarani, muitos familiares ainda relembram as histórias e lembranças que tiveram, foi extremamente gratificante ter essa experiência e poder colocá-la no papel. O Clube Guarani, para o arroio-grandense era representação, identidade e uma forma de ter visibilidade entre outros lugares. Além disso, os bailes, as festas e outros eventos promoviam sociabilidades, trocas, estreitamento de relações e certa estabilidade emocional. Nas festas pode-se compartilhar angústias, problemas, tornando a vida mais solidária e aprazível. Destaca-se ainda o fato do Clube Guarani aportar à memória e identidade negra de Arroio Grande. Pesquisas e propostas que promovam seu conhecimento e sua vitalidade devem ser priorizados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lizandro. **Memorial do carnaval de Arroio Grande**, 2020.

ESCOBAR, Giane. SILVA, Fernanda. Clubes sociais negros do Rio Grande do

Sul: Das recentes lutas por permanência as antigas lutas por existência. In: AL-ALAM, Caiuá Cardoso; ESCOBAR, Giane Vargas; MUNARETTO, Sara Teixeira (org.). **Clube 24 de Agosto (1918-2018): 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira brasil- uruguaí Rio Grande do Sul**: Editora ILU, 2018.

KOSBY, Marília. **O Clube Guarani: raça, família e parentesco em uma entidade afro-cultural do extremo sul do Brasil**. Rio Grande do sul, 2011. p. 1-12.

QUADRADO, Beatriz Floor. **Clube Guarani (1920-2006): tempos de luta contra o preconceito racial em arroio grande**. Cadernos Clio, Curitiba, v. 3, p. 93-116, 2012.

QUADRADO, Beatriz Floor. **A Luluzinha e As Venenozas: A rebeldia do ser mulher em blocos à fantasia (Arroio Grande, RS)**. Emblemas - Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais - UFG/CAC, 2015. p. 21-31.

SOARES, Franciéle Gonçalves. **Clube Guarani: Memória, negritude e festa em Arroio Grande/RS**. IV COPENE SUL: Ancestralidades, conquistas, e resistência em tempos de intolerância, Jaguarão, 2019. p. 1-14.

ENTREVISTAS

CORRÊA, Maristela. Entrevista concedida a Franciéle Gonçalves Soares, 23 de março de 2021.

CORRÊA, Maristela. Entrevista concedida a Franciéle Gonçalves Soares, 14 de Agosto de 2021.

LÚCIO. Célia Maria Medeiros, Entrevista concedida a Franciéle Gonçalves Soares, 16 de agosto de 2021

PRESTES, Paulo. Entrevista concedida a Franciéle Gonçalves Soares, 10 de novembro de 2017.

SANTOS, Maria. Entrevista concedida a Franciéle Gonçalves Soares, 31 de outubro de 2018.